

16 DIAS DE ACTIVISMO: Um chamamento a não violência contra a mulher

30 Novembro 2016, Evelina Muchanga



CONSCIENCIALIZAR para o fim de todas as formas de violência de que a mulher é vítima na sociedade moçambicana é o que se pretende com a campanha nacional dos “16 Dias de Activismo” lançada sexta-feira última no distrito de Boane, na província de Maputo.

É que apesar dos avanços alcançados nos últimos anos na área legislativa, que é favorável à igualdade de género e respeito dos direitos humanos, em especial das mulheres, esta camada social ainda é alvo de violência de diversa ordem na família, escola, na rua, no trabalho, entre outros locais.

A mulher continua a ser a principal vítima de violência física, sexual, tráfico sexual e estupro. As meninas são obrigadas a casar-se em tenra idade contra todos os riscos que daí advêm, entre os quais o abandono escolar devido à gravidez precoce, o desenvolvimento de doenças como a fístula obstétrica assim como contrair enfermidades de transmissão sexual, incluindo o HIV/SIDA.

Dados oficiais apontam que uma em cada três mulheres já foi vítima de alguma forma de violência no país. De igual modo, só no ano passado, o Ministério do Interior registou e atendeu mais de 24 mil casos de violência doméstica. Destes, a maioria são mulheres (cerca de 12 mil), seguido de crianças (acima de 8.700) e, por último, homens com 3.723 episódios.

Para Cidália Chaúque, Ministra do Género, Criança e Acção Social, a violência praticada contra mulheres e raparigas é um dos graves problemas que a sociedade contemporânea enfrenta, pois, como referiu, não encontra fronteiras nem obedece a princípios e leis.

Avançou que vários são os esforços que estão sendo feitos por instituições governamentais, da sociedade civil e parceiros de cooperação com vista a se materializar os diversos instrumentos de protecção às mulheres e raparigas de modo a se estabelecer maior mobilização social a vários níveis, envolvendo lideranças comunitárias, religiosas e outros influentes no combate a este mal.

Disse ainda estarem em curso esforços com vista a se reforçar o mecanismo multisectorial de Atendimento Integrado de Assistência às Vítimas de Violência, melhorando os serviços de resposta com a intervenção fundamental de instituições públicas e organizações da sociedade civil com essa responsabilidade.

Fez saber que o governo está consciente de que a prevenção da violência alcança-se não só com medidas jurídico/penais, mas também através de acções educativas que devem ser inculcadas desde cedo nos processos de socialização do indivíduo.

Referiu que a escolha do distrito de Boane para o lançamento da campanha deve-se à preocupação que o executivo tem em relação aos elevados índices de violência registados na província e cidade de Maputo.

“Pretendemos lançar a partir daqui uma intensa actividade de sensibilização, consciencialização e o respeito pelos Direitos Humanos e que o distrito de Boane seja exemplo de luta na prevenção e combate à violência praticada contra mulheres e raparigas”, destacou.

Na ocasião, o Presidente do Conselho Municipal de Boane, Jacinto Loureiro, assumiu a responsabilidade de ser o sensibilizador número um no combate à violência baseada no género.

MUDANÇA DE COMPORTAMENTO

O governo do distrito de Boane diz que tem trabalhado para a prevenção e combate da violência naquele ponto do país assim como para garantir que haja paz nos lares, tal como diz o lema nacional da campanha “Eu Sou da Paz, Diga Não à Violência Contra Mulheres e Raparigas”.

A garantia foi dada pela administradora do distrito, Teresa Maúai, que referiu ainda que os trabalhos estendem-se à sensibilização para a divulgação de casos de violência. Como resultado, apontou que de Janeiro até Setembro deste ano o distrito registou 71 casos de violência. No entanto, reconheceu que ainda muitos casos não são denunciados na polícia.

“É por isso que o governo do distrito tem a consciência e tem trabalhado dia após dia na sensibilização da sociedade civil e parceiros nacionais, líderes comunitários e religiosos para, juntos, lutarmos contra esse mal, tratando-se de um fenómeno transversal que exige a conjugação de esforços”, anotou.

Fez saber ainda que tendo em conta o papel da mulher no desenvolvimento económico do país, o distrito tem criado condições para o equilíbrio de género em diferentes áreas.

“O efectivo de recursos humanos no nosso distrito, dos 10217 funcionários, cerca de 50 por cento é mulher. No âmbito do empoderamento, dos 192 funcionários que exercem cargos de chefia e de direcção, 56 por cento são mulheres. No ensino, a maioria são mulheres, 52 por cento”, frisou.

Reconheceu, no entanto, haver desafios no combate a este fenómeno social mas acredita que com o envolvimento de todos e denúncias de casos de violência, o distrito terá melhores resultados nos próximos tempos.

DESENCORAJAR ATITUDES DISCRIMINATÓRIAS



Para a representante do governador da província de Maputo, Claudina Mazalo, o lema “Eu Sou da Paz, Diga Não à Violência Contra Mulheres e Raparigas” remete a todos a uma reflexão sobre a importância do combate à violência na sociedade.

Referiu que ao nível da província de Maputo têm sido realizadas actividades com vista a desencorajar atitudes de violência, através de palestras de sensibilização a todos os níveis, debates, projecção de filmes e formações envolvendo entidades governamentais e da sociedade civil comprometidos com o fim da violência.

“Temos vindo a implementar iniciativas multisectoriais que compreendem a sensibilização da sociedade civil para o combate a práticas discriminatórias contra a mulher e a rapariga, condenando-se de forma severa os casamentos prematuros”, mencionou.

Anotou ainda acções de divulgação de instrumentos legais sobre os direitos da mulher e rapariga com vista a gerar-se mudanças positivas na vida destas e da sociedade. Consta ainda das acções a promoção do empreendedorismo feminino e o empoderamento económico da mulher, sensibilização das raparigas e, em especial, das suas famílias para manterem-se na escola para que estas concluam os seus estudos, com destaque para níveis mais elevados.

A fonte destacou o apoio que tem sido dado às raparigas que já estão casadas, oferecendo-as opções para continuarem com os estudos e usufruírem dos Serviços de Saúde Sexual e Reprodutiva assim como de planeamento familiar.

“Estamos cientes e seguros de que a coordenação multisectorial vigente na nossa província melhorou os trâmites legais para a responsabilização dos perpetradores da violência nas nossas

famílias, nas comunidades, escolas e em outros ambientes indispensáveis para a socialização da pessoa humana”, comemorou.

COMPROMISSO POLÍTICO



Há 20 anos que Moçambique celebra os 16 Dias de Activismo Contra a Violência Baseada no Género como forma de denunciar, combater e prevenir todas as formas de violência contra mulheres e raparigas.

“Saúdo a trajectória moçambicana. Hoje o país tem uma legislação, o compromisso político, serviços e gabinetes fortes que são um sinal claro de que não tem mais tolerância para esses fenómenos de violência”, reconheceu a representante da ONU Mulheres em Moçambique, Florence Raes.

Contudo, reconheceu que eliminar a violência é um processo que leva seu tempo e convidou a todos para que durante esses dias questionem os estereótipos que se buscam para justificar a violência, pois, no seu entender, nada justifica a violência.

“Já existem gabinetes de atendimento. Temos uma legislação mas que, muitas das vezes, são subutilizados por causa do silêncio, dos tabus que ainda envolvem esta questão”, disse admitindo, entretanto, haver um maior número de denúncias o que, a seu modo de ver, demonstra que a sociedade está cada vez mais a tolerar menos atitudes de violência contra mulheres e raparigas o que deixa esta camada social a se sentir mais amparada e apoiada.

Enalteceu o envolvimento cada vez mais de homens e do sector privado em acções de prevenção, combate e mitigação de casos de violência.

Referiu que, para estes dias, elegeu-se a cor laranja como símbolo de combate à violência e exortou a todos para que façam dos 16 dias cor laranja como forma de despertar a atenção da sociedade para o combate deste mal.

Destacou ainda que durante os 16 dias serão realizadas várias actividades recreativas e educativas, lançamento de diversos estudos e pesquisas que servirão de base para a luta contra a violência, pois, trazem estatísticas importantes sobre a violência.

PREOCUPADA COM A INSTABILIDADE



Graça Júlio, representante da sociedade civil, entende que a realização da campanha dos 16 dias de activismo é reconhecimento de que a violência é um mal na sociedade e que é de responsabilidade de todos combater o fenómeno.

Disse perceber que o lema das celebrações enquadra-se no contexto actual do país, em que vive-se um clima de instabilidade político militar que tem obrigado a muitas famílias a abandonar as suas casas e refugiarem-se em outros locais.

“Há relatos de alunos e professores que por causa do confronto armado abandonaram as escolas, não realizam os exames, perderam aulas porque fugiram para outros pontos, o que compromete sobremaneira as metas previstas”, referiu.

A fonte fez saber que esta situação torna as mulheres, crianças, raparigas e outros grupos vulneráveis, mais vulneráveis ainda, pois, como disse, os grupos vulneráveis são as maiores

vítimas de todas as formas de discriminação, abusos e violações sexuais, a uniões prematuras e forçadas.

Lamentou o facto de alguns actos de violência ocorrem na família onde se pressupõe que deveria ser o lugar mais seguro para cada um.

“Preocupa-nos a crescente onda de violência perpetrada contra mulheres e raparigas na família que, em algumas circunstâncias, tem terminado em homicídio ou perda de partes do corpo. Isto é sinal de que dentro de casa não há paz”, referiu chamando a todos para o combate de todos os males que enfermam a sociedade e impedem o desenvolvimento de mulheres e raparigas, em particular, e do país, em geral.

<http://www.jornalnoticias.co.mz/index.php/politica/63001-16-dias-de-activismo-nao-a-violencia-contra-a-mulher.html>